

SOBRE A IMAGINAÇÃO PROJETIVA EM SPINOZA

ALEX LEITE *

Há na imaginação um mecanismo projetivo que pode se tornar danoso às relações intersubjetivas? Parece-nos que esse é o problema presente no artigo L'IMPORTANCE DU MÉCANISME DE PROJECTION IMAGINATIF AU SEIN DE LA DÉMARCHÉ ÉTHIQUE SPINOZIENNE de Andrea Zaninetti. Por outro lado, sabemos que a imaginação não é por si mesma destrutiva, pois ela possibilita conceber meios favoráveis à atualização da potência de pensar e existir. Talvez o aspecto danoso apontado pelo autor esteja ligado à crença de que a imagem projetada sobre o outro, ao se misturar a uma paixão triste, se fixa no imaginário sem corresponder à natureza desse outro. Nesse caso, não é o mecanismo em si mesmo destrutivo, mas a junção da crença e a *tristeza* no interior de um processo em que a imaginação é reduzida aos traços das impressões que debilitam sua força.

Ao tratar do *mecanismo de projeção imaginativa*, Andrea Zaninetti vincula o conhecimento sensível à atividade “fantasmática”. A imaginação é vista a partir dessas duas propriedades; que configurariam nela um limite a ser ultrapassado. A preocupação central do autor é demonstrar a necessidade de superar a projeção, começando pelo entendimento da mesma. Mas, a questão é saber se o mecanismo está restrito ao aspecto negativo ou o que pode ser tomado como negativo simplesmente se efetiva na medida em que falsas crenças são vividas como aspectos inerentes ao real. Falsas crenças entendidas sobretudo como adesão passional às imagens ou idéias que fazemos das coisas; sendo elas representações mais do nosso estado de ânimo do que das coisas propriamente.

Em contraposição, queremos saber se é possível pensar em Spinoza uma idéia de projeção que, ao invés de nos atar às crenças tristes, nos possibilita pensar os meios de atualização da potência de pensar

e existir. Esses meios unidos à idéia de atualização da potência é a própria possibilidade de pensar a *projeção ativa* como virtude da imaginação. Assim, supomos tal virtude como um esforço de construção de mecanismos favoráveis ao acordo entre a *mente* e a *Natureza*. (TIE 13) ¹.

No artigo, o que o autor chama de atividade “fantasmática” resulta das impressões espontâneas que os objetos exteriores produzem sobre os corpos. Logo, é uma reação determinada pelos efeitos dos encontros entre corpos. Para ele, essa reação não difere do conhecimento sensível. O ponto que marca apenas uma diferença nominal reside na aplicação do caráter *espontâneo* da atividade “fantasmática” em relação ao conhecimento imaginativo (que seria mediado por uma representação do objeto exterior). Na verdade, o autor em seu artigo não pretende formular uma distinção mais clara entre o “fantasmático” e o sensível. Segundo Zaninetti (2002, p. 100), essas duas formas de reações aos objetos exteriores fazem parte do mesmo plano da *projeção imaginativa*. E a observação utilizada para isso é o fato das duas serem tratadas como idênticas, por ambas aparecerem na mesma *proposição 17*, da segunda parte da ÉTICA. Outro ponto de apoio a essa ausência de distinção é o fato de Spinoza não ter elaborado uma demonstração, separando o movimento espontâneo do corpo humano das suas afecções correspondentes. O movimento e as afecções fazem parte do mesmo mecanismo, uma vez que há predominância da ação dos corpos exteriores sobre o corpo humano; ao mesmo tempo que as imagens decorridas dessa relação predominam na mente.

Ora, de fato essa correspondência é absolutamente justificada em Spinoza uma vez que não há separação

* Professor de Filosofia da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB, doutorando em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ e Membro do GT BENEDICTUS DE SPINOZA - ANPOF 2008.

¹ Utilizaremos a sigla TIE para o TRATADO DA REFORMA DO ENTENDIMENTO, seguida do número do capítulo no qual se encontra a citação. Para as citações internas da ÉTICA, utilizaremos a abreviatura E, seguida do número da parte citada em algarismos romanos e da letra em maiúscula para indicar as proposições (P), os corolários (C) e escólios (S), com seus respectivos números.

entre os movimentos forçados pelos corpos exteriores e a atuação das suas imagens na mente humana. Sem dúvida, numa relação intersubjetiva, os corpos imprimem reações ao corpo humano, assim como as imagens equivalentes afetam a mente. O problema é discernir que não há nada aí que possa ser chamado “fantasmático”. O “fantasmático” só poderá estar na ordem das falsas crenças, sobretudo, nas que produzem *tristezas*; porque a impressão que um corpo recolhe de outros o impele a reagir segundo a própria necessidade de preservação de si mesmo. Mas, se juntamente às impressões dos *vestígios* emergem um sentimento de *destruição* do outro, isso nos parece vinculado ao modo como o outro pode ser sentido a partir de uma *crença triste* atualizada em nós pela imagem dele.

De acordo com Spinoza (EII P17 S) é possível aderir à imagem de Pedro, que se restringe ao modo como Paulo o sente, sem que a idéia mesma daquilo que constitui Pedro seja entendida por Paulo. Aderimos primeiramente aos efeitos das relações, e esse é um critério que permite constituir parcialmente noções práticas sobre o *bom* e o *mau*. Tal adesão não nos *fecha* no âmbito da própria imaginação. Na verdade, e de um modo precário, a relação com mundo é iniciada a partir desses efeitos; porém, ao invés deles nos lançar num solipsismo, tornam-se referências primárias, através das quais nos constituímos no interior das relações com os outros.

Segundo o artigo, a *projeção imaginativa* se caracteriza pelo “fechamento” da imaginação nela mesma; pois, dado o fato da relação entre corpos exteriores e o corpo humano revelar mais sobre a necessidade de preservação do corpo afetado, isso determina a imaginação a guardar preferencialmente os traços que a mantêm no seu “mundo fechado”: “[...] *les hommes vivent communément dans le monde clos de leurs propres projections*”. (ZANINETTI, 2002, p. 101).

Podemos encontrar nas *proposições 16 e 17*, da segunda parte da ÉTICA, algo que justifique a idéia de “fechamento” da mente nas imagens das suas afecções corporais? Spinoza descreve ali um mecanismo que em nada expressa esse “fechamento”. Na *proposição 16*, por exemplo, a idéia que é produzida através da relação entre dois corpos, envolve *passionalmente* a natureza de ambos. Não há um corpo fechado sobre si mesmo, conseqüentemente não há uma imaginação enredada em imagens que estejam dissociadas das relações. A imagem é uma realidade originada de acordo os modos como os corpos estão envolvidos. E quanto à mente,

escreve Spinoza (EII P16 C1): “[...] *percebe, juntamente com a natureza de seu corpo, a natureza de muitos outros corpos*”. Sendo assim, o mecanismo projetivo, ao mesmo tempo em que expressa um poder imanente ao corpo afetado, inclui a percepção natural dos corpos exteriores.

Portanto, não é suficiente afirmar que o conhecimento sensível deve ser ultrapassado pelo conhecimento racional, por o primeiro engendrar imagens que não correspondem a essência das coisas; e sendo assim, nos “fecharia” em projeções particulares, que podem ser nocivas, *destrutivas*. Talvez o problema a ser colocado é como as imagens engendradas podem forçar esse movimento destrutivo, visto que, de acordo com Spinoza, o mecanismo de projeção não é em si mesmo danoso.

Para Zaninetti (Ibid., p. 101) o mecanismo imaginativo se caracteriza por três aspectos: *inconsciente, diferencial e fechado*. O primeiro aspecto se deve ao fato da imaginação recolher os efeitos das relações e ignorar as causas que determinam sua ação projetiva. O segundo, por cada um guardar os efeitos em conformidade com o temperamento próprio. E terceiro, por cada um permanecer preso à própria projeção sem considerar a existência de outras.

Esses três aspectos são vistos como funções do mecanismo que destroem a possibilidade das relações intersubjetivas. Como afirma o próprio autor:

[...] dans les relations intersubjectives, le mécanisme de projection est inévitablement destructeur, parce que chaque personne s’efforce, autant qu’elle peut, d’aimer dans l’autre la totalité d’elle-même et d’haïr ce qui la nie en partie ou en totalité. (Ibid., p. 104).

Ora, de fato é próprio de cada ser procurar no outro aquilo que está de acordo com a necessidade de sua natureza. Numa perspectiva primária, a relação em qualquer nível se baseia no princípio de preservação *reclamada* pelos indivíduos envolvidos. Portanto, ama-se o que na relação amplia esse poder de preservação, e não simplesmente a imagem de si projetada no outro. Por outro lado, não há *esforço* para odiar. Nenhum ser se esforça intimamente para empreender a própria *tristeza*, isto é, para ser causa da própria debilidade.

Na relação intersubjetiva, o ódio nasce quando os indivíduos acreditam que de algum modo estão sendo impedidos de expressar potencialidades essenciais ao seu modo de ser. O jogo intersubjetivo se organiza segundo os efeitos entre imagens afetivas e a forma como se acredita nessas imagens. É uma

questão de crença nas imagens projetadas, e não uma deficiência do mecanismo de projeção.

Spinoza coloca o problema em termos de *privação da idéia verdadeira*. A imaginação cumpre o papel de *tornar presente uma realidade ausente*. E essa é uma virtude, não uma falta da imaginação, já que:

[...] as imaginações da mente, consideradas em si mesmas, não contêm nenhum erro; ou seja, a mente não erra por imaginar, mas apenas enquanto é considerada como privada da idéia que exclui a existência das coisas que ela imagina como lhe estando presentes. (EII P17 S).

Spinoza afirma ainda que, se imaginação *soubesse* da inexistência das coisas por ela projetada, esse saber ampliaria sua potência de imaginar. Sendo assim, podemos supor uma imaginação não constrangida por falsas crenças (crenças tristes), mas produzindo imagens, que mesmo inexistentes, são consideradas construtivas, segundo a ótica de uma *projeção ativa*.

No capítulo 13, do TRATADO DA REFORMA DO ENTENDIMENTO, Spinoza formula uma hipótese sobre a potência da imaginação, quanto à sua possibilidade de favorecer o percurso do conhecimento da união entre *mente e Natureza*. Nessa formulação é confrontado um estado de ânimo em que o humano não consegue a experiência de vínculo com a *totalidade* e a possibilidade de superar esse estado de separabilidade. Assim, concebe-se hipoteticamente uma imagem humana, e juntamente com tal concepção formula os meios de superação do estado afetivo debilitado, isto é, do estado mais afastado da potência de pensar e existir.

Na hipótese de Spinoza há a idéia da necessidade da imaginação em auxiliar o pensamento a conceber meios favoráveis à produção de um modo de vida em consonância com a *suposição* de que, embora o humano possa se encontrar em estado de *fraqueza*, há em sua natureza a possibilidade de ultrapassar tal estado; sendo essa possibilidade auxiliada pela *força* projetiva da imaginação.

No seu comentário sobre o TRATADO Bernard Rousset destaca os termos *imbecilítas* e *firmior*. (1992, p. 165). O primeiro, com a conotação de *fraqueza*, indica a ignorância humana quanto ao que é a *Natureza*. E o segundo, com o sentido de *firmeza*, aponta a possibilidade de formular conhecimentos a respeito do *bem* e do *mal*, do *perfeito* e do *imperfeito*. Tais conhecimentos funcionando como estratégias de fortalecimento da potência de agir e pensar; (e mesmo não se referindo às essências das coisas), nos indica meios para valorar certas ações e

imagens. A valoração envolvendo dois aspectos das relações intersubjetivas: o que favorece reciprocamente as ações do corpo e da mente e qual critério de *escolha* é necessário preservar na mente, para que a imaginação não perca de vista o poder de superar as *crenças tristes* nela engendradas.

Em Spinoza, a *imaginação projetiva* está a serviço do verdadeiro empenho em ultrapassar falsas concepções sobre *bem e mal, perfeito e imperfeito*. Então, a imaginação pode nos colocar no plano da possibilidade de alcançar um novo ponto de vista sobre a condição humana. Para isso, o critério de valoração da vida estará submetido às experiências de *tristeza e alegria*, ou seja, às experimentações do que reduzem a potência de agir e pensar e daquilo que favorece o aumento dessa potência. Assim, a *imbecilítas* nasce somente do acúmulo de vestígios de tristezas presentes na mente e o *firmior* das repetidas experiências de alegria.

Portanto, a *projeção ativa*, por ser a elevação da imagem humana a ponto de maior alegria, fixa na imaginação, marcas convenientes ao trabalho do pensamento. Ora, ao invés do mecanismo projetivo ser pensado como destrutivo poderá ser destacada nele a função de auxiliar no processo de percepções de propriedades *comuns* das coisas; que longe de nos restringir ao solipsismo da imaginação, sempre permite compartilhar o eterno projeto de superação da *imbecilítas* através da *firmeza* do pensar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPINOZA, B. **Ética**. Edição bilíngüe. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SPINOZA, B. **Traité de la reforme de l'entendement**. Traduction par Bernard Rousset. Paris: Vrin, 1992.

_____. **Tratado da reforma do entendimento**. Edição bilíngüe. Tradução de Abílio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Tratado da reforma da inteligência**. Tradução de Lívio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1966.

ZANINETTI, Andrea. *L'importance du mécanisme de projection imaginaire au sein de la démarche spinozienne*. **Revue de la Société de philosophie du Québec**, Numéro thématique: Spinoza sous le prisme de son anthropologie, Québec, v. 29, n. 1, 2002.

